Comunicação realizada no I Simpósio Nacional de Estudos Clássicos: Escrita e Oralidade no Mundo Clássico. São Paulo, FFLCH-USP, 1997.

A EXPRESSÃO "POR FAVOR" EM LATIM

Mário Eduardo VIARO (USP)

Politeness expressions are present in all languages and also in Latin. These expressions vary according to the conversation context and to the intimacy and formality levels between the dialog participants as well as extralinguistical elements (age, sex, status), but their semantical principles are universally shown among very different languages in the words which compose the polite phrases . There are some expressions in Plauto's theatre plays: amabo, quaeso, obsecro, sis, which are equally translated as "please", but it is possible to reconstruct the pragmatical situations, by means of the texts.

A polidez é um elemento que tem merecido muita atenção da parte dos estudiosos da Pragmática. Ao dialogar com outrem, o falante, numa atitude polida, costuma atenuar suas afirmações, diminuir a probabilidade de suas certezas assim como a força de imperativos. Agindo assim, evita um confronto direto, uma prepotência ou uma autoridade que não lhe cabe, enfim, a situação torna-se mais conveniente para seus objetivos ou, pelo menos, não se cria um obstáculo para eles. A polidez pode aparecer em vários níveis da linguagem, desde o fonético, mais comumente na entonação, até o morfológico ou o lexical. Algumas línguas dão extrema importância à polidez, como o japonês, em que há graus de escolha do pronome, do léxico, das terminações, das partículas, dos classificadores e de torneios sintáticos, criando uma gama altamente complexa de variantes de expressão. Assim, em japonês uma frase como *você viu minhas fotos?* pode ser expressa como *kimi wa boku no shashin o mita'n desuka?* se se trata um falante do sexo masculino que se dirige a uma pessoa conhecida, num tratamento amigável. A mesma frase, porém, noutro extremo, ou seja, em situação muito formal, seria expressa como *Tanaka sensei wa watashi no shashin o goran ni narimashita ka?*, na qual o pronome de segunda pessoa é substituído pelo sobrenome (*Tanaka*), com o título que lhe confere (*sensei* "professor"). Na frase polida, entre outros fenômenos, apaga-se a marca masculina do falante. Comparando as duas frases, somente a palavra *shashin* "foto" e as partículas se mantiveram inalteradas, mas mesmo esses dois elementos podem variar, conforme a polidez (BALLHATCHET & KAISER 1992: 239).

No entanto, a polidez não precisa estar necessariamente associada ao formalismo. Vincula-se, no entanto, a ele em grande parte das situações e curiosamente as gramáticas não tomam o cuidado devido a esse assunto. A não ser no capítulo das "formas de tratamento", inexistem momentos nas gramáticas que apontem para a relação entre falante e ouvinte.

Nos imperativos, essa carência torna-se gritante. O imperativo normalmente é, em grande parte das línguas, o radical, desprovido de desinências ou com apenas uma marca de pessoa. A interferência de outros modos, como o subjuntivo e o optativo, são evidentes. A preocupação com a demasiada pessoalidade do imperativo, que equivale ao vocativo nos nomes, faz que ele seja amiúde substituído por infinitivos. A função conativa do imperativo

é inegável, mas como atingir o objetivo, ou seja, como fazer que o outro aja como é desejado é algo que cada idioma modela de forma distinta.

Em latim, o imperativo tem sua forma própria, mas também há variantes para ele, que o atenuavam e o faziam funcionar melhor, dentro da sociedade romana. Assim, o chamado imperativo presente e futuro tinham respectivamente como marcas, um morfema-zero e *-to*. A segunda pessoa do singular e do plural eram respectivamente indicadas por morfema-zero e *-te: lauda, laudate, laudato, laudatote*. Na verdade, como o imperativo sempre se refere a um ato que se deseja que aconteça no futuro, o imperativo futuro apenas é uma variante mais categórica do imperativo presente. É possível que tenha um caráter modal, valendo com uma modalidade de urgência ou recomendação, uma vez que também há formas para as terceiras pessoas: *laudato, laudanto; moneto, monento; legito, legunto; audito, audiunto.* Uma relação temporal de posterioridade entre os dois imperativos é rara, mas se encontra em Plauto: *tu epistulam hanc a me accipe atque illi dato* (Pseudolus, 647). A formação desse imperativo futuro é bastante antiga e remonta ao pronome demonstrativo indo-europeu **to* no ablativo, isto é, **-tod* "a partir disso, depois disso", portanto, invariável quanto às pessoas, uma vez que o encontramos também no antigo indiano e no grego. Assim, em sânscrito encontra-se *gacchatâd* "tu deves ir". A extensão de *-te* para a segunda do plural do imperativo futuro é, porém, uma inovação ocorrida dentro do sistema do latim. Também nos verbos depoentes, agiu a força da analogia, transformando *utito* em *utitor* e *utunto* em *utuntor* (SZEMERÉNYI 1978: 319-320).

O uso de verbos modais e volitivos, como *cogo, cupio, decerno, desidero, peto, expeto, impero, iubeo, opto, exopto, postulo, prohibeo, sino, studeo, uolo, malo, urgeo* também agem no sentido de aumentar, atenuar ou simplesmente precisar o tipo da ordem, quer na ordem direta, quer na indireta. Assim, *ut ille te videat uolo* (Plauto, Bacch. 77); *malim ut uerum dicas* (Plaut. Trin. 762), *ad me velim scribas.* A negativa com o imperativo de *nolo* é uma constante na formação do imperativo negativo, uma vez que o imperativo do indo-europeu indica mais propriamente ordem ou súplica, mas não proibição (FARIA 1958:382). Também o imperativo negativo da maioria das línguas românicas modernas até hoje sentem essa assimetria, usando ora o subjuntivo (português *canta x não cantes*, castelhano *canta x no cantes*, catalão *canta x no cantis*), seja o infinitivo (italiano *canta x non cantare*, romeno *cântă x nu cânta*).

No lugar do imperativo, o gerundivo e o supino, como marcadores de formas finais, mostram-se como excelentes opções para substituir o imperativo. O subjuntivo serve na maior parte das vezes como atenuador da ordem e para a criação das outras pessoas que não as segundas: *cautus sis, mi Tiro* (Cíc. Fam 16,9,4). O que na verdade aparece nessas orações é a modalidade volitiva: *fores occlusae omnibus sint nisi tibi* (Plaut. As. 759).

Somadas a todas essas manifestações no plano formal, algumas palavras atenuadoras são imprescindíveis, como a expressão *por favor* em questão. Sua origem como oração é inquestionável, embora simplificações ou cristalizações posteriores não deixem tão clara essa mesma origem.

Antes de se falar especificamente do latim, é importante verificar as possibilidades existentes nas línguas modernas, uma vez que sempre se atinge o latim por meio de traduções, feitas línguas vivas, donde amiúde surgem erros na interpretação do funcionamento do sistema latino.

Assim o português *por favor,* deriva provavelmente do italiano *per favore,* donde também o castelhano *por favor.* Ainda em português conhece-se também *por obséquio,* ambas alongadas nas formas modais interrogativas *poderia fazer o favor de...? poderia fazer o obséquio de...? poderia fazer a fineza de...?* No francês *s'il te plaît* ou *s'il vous plaît, que* ainda se deixam alongar como *si c'est votre plaisir..., si c'est votre bon plaisir..., voulez-vous me faire le plaisir de...* Sob o modelo francês se vêem em catalão formas como *si us plau, si et plau, si li plau* ao lado de *per favor, que em pots fer el favor de..., feu-me el favor de..., faci el favor...* No italiano, aparecem também ao lado de *per favore,* as formas *per piacere, se volete, se vi piace, prego.* No romeno, as formas mais correntes são *te rog, vă rog* ou a forma *binevoiți,* seguida de infinitivo, equivalente ao português *queira...* No romantsch grischun, língua escrita padrão para as variantes reto-românicas suíças, adotaram-se as formas *fa il bain! faschai il bain! per plaschair!*
Interessante é observar que fórmulas semelhantes têm uma característica que inverte a função dessas expressões. Ou seja, são rudes e mais fortes até do que o imperativo puro. No português, dependendo da intonação da frase *faça o favor de¸* nasce esse efeito, certamente devido à presença do imperativo, que soa mais rude do que a frase*você me faria o favor de...?.* No francês, há fórmulas mais ameaçadoras, como *vous me ferez plaisir de..., fais-moi le plaisir de...* No catalão, *voleu fer el favor de...?* soa impaciente e em italiano, há fórmulas irônicas como *fammi il famoso piacere di..., fammi il grande piacere di...*
Noutras línguas, mesmo fora do campo românico verifica-se igualmente a presença de algum elemento traduzível pela *voluntas* latina, isto é, a boa-vontade do outro em relação àquele que lhe fala (na verdade ordena), manifestado nas palavras *prazer, querer, favor.* Também é muito comum a explicitação do pedido, que, contrário ao da ordem, se mostra preocupado com o interlocutor e não apenas com a vontade própria. Também é curioso que essas formas muitas vezes exageradamente polidas partam para o grosseiro, para o altamente autoritário, como visto acima. A razão disso está no fato de que o interesse de que o falante tem que se cumpra a ação, num grau superlativo, transforma o pedido em ordem. No alemão, ao lado do neutro *bitte* "eu peço" há a forma *gefälligst,* literalmente, "com toda amabilidade", bem mais autoritária, embora formalmente mais polida. Também há outras formas mais antigas e, portanto, menos usuais, como *gefälligerweise* "prazeirosamente", *freundlicherweise* "amigavelmente". Também formas mais longas aparecem aqui: *seien sie so freundlich...* "seja amigável", *wären Sie bitte so nett...?* "você seria simpático...?" *ich bitte Sie* "eu peço a você", *wenn ich bitten darf* "se eu posso pedir". *darf ich bitten?* "posso pedir?". Observa-se a grande força de convencimento dessas fórmulas germânicas. Também em norueguês encontra-se *vær så god!* "seja bom", como em sueco: *var så god!* idem ou *var snäll och...* "seja amigável e..." ou ainda *var god och...* "seja bom e...", ao lado da forma ríspida *ni är så god och...* "você é bom e...". No islandês as formas mais normais são *gerið svo vel!* ou *gerðu svo vel!* "faça o bem". Em inglês, além de *please,* encontram-se formas alongadas como *I beg you a favour of..., if you please...* ao lado do ameaçador *will you please...!* Em holandês, as formas mais comuns são *alsjeblieft* ou *alstublieft* "se te agrada".
Também nas línguas eslavas, a tendência para exclarecer o pedido ou enaltecer a boa-vontade do outro se evidencia. Em russo, *pozhálujsta* "por favor" deriva-se de *pozhálovat'* "fazer o bem, conceder" e seu infinitivo *pozhálujte* é um sinônimo de "por favor". Em búlgaro, há *mólja* "eu peço" e *zapovjádajte* "ordene". Em eslovaco, *prosím* "eu peço"

(como polonês *prosze*), em croata *mólim* idem e *izvólite,* que etimologicamente significa "deseje!", isto é, como no português, "queira".

Noutras línguas indo-européias, a situação não muda muito. No grego moderno, *parakaló* "eu peço". Interessante é a forma galesa: *os gwelwch yn dda* "se enxergas bem".

Fora das línguas indo-européias, ainda se vê o mesmo no húngaro *kérem* "eu peço" e, por decalque do alemão, *legyen szíves* "seja amigável" (assim como o finlandês *olkaa hyvä ja*...). Em chinês mandarim, *qing* "eu peço". Em turco, ao lado do empréstimo árabe *lûtfen,* há a fórmula *buyurun(uz)* "tua ordem".

No japonês,o imperativo *kae* "compre" soa muito ríspido. Além dele, há a forma familiar e masculina *katte kure,* e, por fim, a forma polida normal, *katte kudasai.* A forma *kure,* que se traduz muitas vezes como "por favor", é imperativo de *kureru* "dar" e *kudasai,* igualmente traduzido como "por favor", é imperativo irregular de *kudasaru* "conceder". Entendam-se como "conceder o favor, dignar-se". Esses dois verbos, ao lado de outros, como *ageru* ou *morau,* ambos significando "receber", aparecem como verbos modais no intrincado jogo de polidez das formas japonesas, não só no imperativo, mas também no presente ou no passado. Mas tanto *kure* como *kudasai* acabaram por cristalizar-se como parte integrante dos imperativos. O "por favor" ainda pode ser traduzido por outras maneiras. Quando se oferece algo, diz-se *dôzo* "certamente (isto está à tua disposição)". Reservam-se outras expressões quando se pede algo, como (*yoroshiku*) *o-negai shimasu,* que etimologicamente significa "desejas convenientemente" (hoje "eu peço"), *o-negai da kara* "sendo teu desejo, se queres" (BALLHATCHET & KAISER 1992: 205 ss.). Semelhante distinção se vê no basco, que tem *oitian* "certamente" e *arren* "eu suplico".

Outra possibilidade nas línguas, principalmente quando se suplica, é apelar para o divino com fórmulas como *pelo amor de Deus,* que teria tradução em todas as línguas citadas. Assim, no castelhano, *¡por amor de Dios!, ¡por Dios!, ¡por vida!, ¡pardiez!;* no francês: *pour l'amour de Dieu!*;no catalão: *per l'amor de Déu!, per Déu!;* no italiano: *in nome di Dio! per l'amore di Dio!;* no romeno: *pentru Dumnezeu!*; no alemão: *in Gottes Namen* "em nome de Deus", *um Gottes willen* "por vontade de Deus"; no inglês *for God's sake! by God!;* em islandês *í guðanna bænum!* "em prece a Deus"; em norueguês *for Guds skyld* e em sueco: *för Guds skull* "por causa de Deus"*;* em holandês: *in godsnaam!* "em nome de Deus"*;* no russo, *rádi bóga!* "por causa de Deus!"; no eslovaco: *preboha!* idem; no haussá, língua nigeriana, *don Alla* "em nome de Deus". Outras expressões de súplica aparecem, normalmente, invocando divindades, entes queridos ou virtudes. Assim, em português há *por quem é, pela alma de...*; em francês, *je vous en prie, de grâce, par bonté.* Em japonês há o forte *isshô no onegai da kara* "se for teu desejo de toda a vida".

Esse longo levantamento, à maneira dos dos estudos onomasiológicos do século XIX, não foi feito sem propósitos. Por meio dele, mostra-se que há uma semântica profunda, calcada na visão humana, que tem algo de universal, que se manifesta de forma diferente nas diversas sociedades, em vários períodos e, portanto, nos diversos sistemas lingüísticos. Conhecer a diversidade das línguas possibilita ver o que lhes é comum; faz que algumas dificuldades sejam superadas. Verifica-se que não se trata de casos particulares, que essas fórmulas estão ligadas, de algum modo, a alguns conceitos básicos da sociedade humana. Isso valeria, portanto, também para línguas que já não são mais faladas, como o latim.

Uma expressão de polidez, como "por favor", quer, na verdade, atuar no comportamento do interlocutor da mesma forma que um imperativo, mas, para que essa atuação não seja

evidente ou exageradamente direta, usa-se sempre a mesma estratégia: a vontade do falante é transformada na vontade do interlocutor, ou seja, cria-se a sensação de que o favorecido ou o bondoso é o interlocutor, enfim, que a vontade é dele e não do falante. Índices dessa estratégia aparecerão conseqüentemente na expressão das línguas, como visto acima, e, posteriormente na sua semântica.

As formas mais comuns são:

1. *Quaeso,* etimologicamente “eu procuro obter”, donde deriva a tradução como “eu peço”. Observa-se a grande proximidade entre a idéia do *querer* e a do *pedir,* como aparece acima em outras línguas (*cf.* japonês). O verbo associa-se parataticamente ao verbo, principal.
2. *Te rogo* “peço-te” é fórmula mais tardia, que dará origem à expressão romena *te rog,* vista acima. Às vezes a fórmula era reforçada na forma *rogo quaesoque*.
3. *Obsecro* “peço em nome dos deuses”. Neste verbo, observa-se a súplica com menção ao divino como visto acima nas fórmulas do tipo *pelo amor de Deus*. (Plaut. Aul. 733).
4. *Amabo te* ou simplesmente *amabo* “amarei (se o fizeres)”. Pede-se pela boa vontade do interlocutor. Essa será uma das fórmulas mais usadas no período clássico, ao lado de *quaeso* (Cíc. At. 2,2,1). Ao lado desse, há a forma *si me amas, si quicquam me amas.*
5. *Sodes,* isto é, *si audes* “se desejas” ou “se ousas” (Cíc. At. 7, 3, 11).
6. *Sis,* contração de *si vis* “se queres”, também ocorre no plural *sultis,* ou seja, *si vultis* “se quereis”(Plaut. As. 1). Fórmula mais antiga, muito freqüente em Plauto e Terêncio, mas rara no período clássico.
7. *Si tibi placet* e *si vos placet,* forma mais tardia, já presente em Petrônio. Dará origem às construções neolatinas como do francês e do catalão.

Além da datação dessas expressões, que separa as expressões mais antigas das mais recentes, convém observar que as expressões não tinham o mesmo valor semântico e é possível que houvesse variação regional quanto ao uso delas. Tal variação é difícil de ser provada. No entanto, as peças teatrais do período pré-clássico mostram tendências quanto à preferência de algumas expressões em relação a outras, dependendo do jogo hierárquico ou do sexo do falante, de modo parcialmente semelhante ao que faz o japonês. Exemplificar-se-ão essas tendências com a comédia *Amphytruo,* na qual há um evidente jogo hierárquico entre servo, senhor, esposa e deuses:

O uso de *amabo,* por exemplo, comuníssimo no período clássico e pós-clássico, aparece também nos textos de Plauto, mas apenas nas falas de mulheres (LODGE 1971:114). Exemplos:

Na fala de Alcmena, pedindo para que Júpiter, disfarçado de Anfitrião, seu marido, não se irrite com Mercúrio, por sua vez disfarçado do servo Sósia:

Noli amabo, Amphitruo, irasci Sosiae causa mea (540).

Também quando Alcmena se mostra desesperada, não compreendendo exatamente o que o marido quer dizer:

— *Haec me modo ad mortem dedit.*
— *Quid iam amabo?* (810)

O “por favor”, no sentido mais rude, como mostrado acima, é melhor traduzido em Plauto pelas fórmulas *sis* e *sultis,* que, por sua própria natureza, são mais comuns em falantes masculinos. Exemplos:

Na fala rude de Mercúrio, quando vê o verdadeiro Sósia se aproximar da casa de Anfitrião:

Modo sis ueni huc, inuenies infortunium (286).
Vide sis quam mox uapulare uis, nisi actutum hinc abis (360)

Mais raro, o *sis* utilizado por mulheres continua com essa característica rude, como na fala de Alcmena, querendo provar que diz a verdade a Anfitrião, que está duvidando de sua palavra:

Age, aspice huc sis nunciam, tu qui quae facta infitiare, quem ego iam hic conuincam palam (778-779)

Igualmente a fórmula usada é *sis* também na fala indignada do servo Sósia, tentando provar ao seu senhor que não tem culpa ou diante da fraqueza momentânea de seu senhor:

Vide sis signi quid siet, ne posterius in me culpam conferas. (787-788)
Amphitruo es profecto; cave sis ne tu te usu perduis! (845)

Também na fala agressiva de Anfitrião, não crendo no relato de Sósia:

Iam sequere sis, erum qui ludificas dictis delirantibus, qui quoniam erus quod imperauit neglexisti persequi, nunc venis etiam ultro inrisum dominum. (584-587)

Quando o tom não é agressivo, mas suplicante, há outros recursos, como *quaeso,* que aparece normalmente na fala subserviente de Sósia. Exemplos:
Diante do ameaçador Mercúrio usa *quaeso*:

Si in me exercituru’s, quaeso, in parietem ut primum domes (324)

Indignado, diante de seu senhor Anfitrião, que não entende o que quer dizer:

— *Quis homo?*
— *Sosia, inquam, ego ille. Quaeso, nonne intellegis?* (625)
Quaeso edepol, num tu quoque etiam insanis, quom id me interrogas? (753)

Novamente, dando uma sugestão a Anfitrião:

Quaeso, quin tu istanc iubes pro cerrita circumferri? (775-776)

Quando Júpiter se despede de Alcmena, com a desculpa de que tem de voltar para a guerra, usa a fórmula *quaeso*:

Bene uale, Alcumena, cura rem communem, quod facis, atque inperce quaeso: menses iam tibi esse actos uides. (499-500)

Também Anfitrião, fragilizado, pede a Blefarão que fique ou à serva Brômia que explique melhor, usa *quaeso:*

Blepharo, quaeso ut aduocatus mihi adsis neue abeas. (1037)
Quaeso, absoluito hinc me extemplo, quando satis deluseris. Quid fit deinde? (1097-1098)

Anfitrião, sem compreender por que Alcmena o recebe tão friamente, também usa a fórmula *quaeso:*

Qui istuc potis est fieri, quaeso, ut dicis: iam dudum modo? (693)

Na jura hipócrita de Júpiter, disfarçado em Anfitrião, em que invoca a si mesmo, de maneira suplicante:

Id ego si fallo, tum te, summe Iuppiter, quaeso Amphitruoni ut semper iratus sies. (933-934)

Para o tom suplicante, há também o uso de *noli,* quando Alcmena, intercede, tentando salvar Mercúrio da falsa ameaça de Júpiter de espancá-lo:

— *Carnufex, non ego te noui? abin e conspectu meo? Quid tibi hanc curatio est rem, uerbero, aut muttitio? Quoi ego iam hoc scipione...*
— *Ah, noli!* (516-520)

Já nas falas desesperadas, a fórmula ideal para a súplica é *obsecro*:

Tuam fidem obsecro! (373) *Di, obsecro, uostram fidem!* (1130)
Obsecro ut per pacem liceat te alloqui, ut ne uapulem. (388)
Per dexteram tuam te, Alcumena, oro, obsecro, da mihi hanc ueniam, ignosce, irata ne sies (923-924)

Também, ofendida, Alcmena usa a forma *obsecro,* mais contundente que *quaeso,* quando crê que Anfitrião está zombando dela, ao retornar da guerra ou quando é acusada de adultério:

Obsecro ecastor, quid tu me deridiculi gratia sic salutas atque appellas, quasi dudum non uideris, quasi qui nunc primum recipias te domum huc ex hostibus? (683-684)
Obsecro ecastor, cur istuc, mi uir, ex ted audio? (812)

Também completamente sem entender o que a esposa diz, Anfitrião usa *obsecro:*

Mane, mane, obsecro te. Nimis demiror. (765)

Nas falas não modalizadas, aos imperativos não segue nenhuma fórmula. Assim, Mercúrio, maltratando e golpeando a Sósia, indaga irritado:

Etiam clamas, carnufex? Loquere, quid venisti? (376-377)
Dic si quid uis: non nocebo. (391)

Ou quando, já impaciente diante de Alcmena lacrimosa, Júpiter quer ir embora:

Tace; ne corrumpe oculos: redibo actutum. (529-530)

Quando Júpiter dá ordens a Mercúrio ou quando Anfitrião dá ordem a Sósia ou, ainda, Júpiter fala a Anfitrião, ou, ainda, as personagens aos espectadores, também não há modalizações. Também nessas formas autoritárias aparece *age* ou *agedum* ou construções infinitivas:

Abi prae, Sosia, iam ego sequar. (543-544)
Age i tu secundum. (551)
Vah! Apage te a me! (579)
Sosia, age, me huc aspice! (750)
Agedum exsolue cistulam! (783)
Agedum expedi : scin me tuum esse erum Amphitruonem? (1081-1082)
Certum est aperire atque inspicere! (787)
Nunc, spectatores, Iouis summi causa clare plaudite! (1146)

Mas quando é o servo que se dirige ao senhor, o subjuntivo normalmente substitui o imperativo. Também aparecem, nesse caso, interrogativas e atenuadores equivalentes a *um pouco,* como se vê também em português do Brasil, em expressões como *me dá licença, um pouquinho?*:

Proinde ut commodumst et lubet, quidque facias. (558)
Paulisper mane, dum edormiscat unum somnum. (696-697)
Non taces? Quid si e portu nauis huc nos dormientis detulit? (700-701)

Essas modulações podem aparecer de maneira irônica, como nessas falas de Alcmena:

Abin hinc a me, dignus domino seruus? (856)
Potin ut abstineas manum? (903)
Iuben mi ire comites? (929)

Resumindo, a situação dos textos plautinos é a seguinte: *quaeso*, como a forma mais neutra e *amabo* como seu equivalente feminino, ao lado do mais agressivo (e mais masculina) *sis, sultis* e da forma mais próxima da súplica, *obsecro.* Tal sistema muda ao longo da história da língua latina. Por meio da pesquisa filológica, é possível recuperar o momento mais adequado em que cada expressão específica era utilizada. Em contrapartida, uma melhor compreensão desse mecanismo pode ser útil, nas decisões do estabelecimento de edições críticas, por exemplo, na correta atribuição às falas nos textos de teatro de Plauto e Terêncio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BALLHATCHET, H.J. & **KAISER,** S. K. *Japanese.* Lincolnwood, NTC Publishing Group,1992.
CÍCERO. *Lettres à Atticus.* Trad. E.Bailly. Paris, Garnier [1937] 3v.

_______. *Lettres Familières*. Trad. E. Bailly. Paris, Garnier [1935]. 3v.
FARIA, Ernesto. *Gramática superior da língua latina*. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1958.
FORCELLINI, Egidio (ed.). *Lexicon totius latinitatis*. Padua, Typis Seminarii, 1940. 6v.
GAFFIOT, Félix. *Dictionnaire illustré latin-français*. Paris, Hachette [1934].
LANGENSCHEIDTS TASCHENWÖRTERBÜCHER. Berlin, Langenscheidt, ab 1988.
LODGE, Gonzalez. *Lexicon Plautinum.* Hildesheim, G. Olms, 1971.
PETRÔNIO. *Le satyricon.* Trad. A. Ernout. Paris, Belles Lettres, 1950.
PLAUTO. *Amphitryon, Asinaria, Aulularia*. Trad. A. Ernout. Paris, Belles Lettres, 1970.
_______. *Bacchides, Captiui, Casina*. Trad. A. Ernout. Paris, Belles Lettres, 1933.
_______. *Pseudolus, Rudens, Stichus*. Trad. A. Ernout. Paris, Belles Lettres, 1972.
_______. *Trinummus, Truculentus, Vidularia*. Trad. A. Ernout. Paris, Belles Lettres, 1940.
SZEREMÉNYI, Oswald. *Introducción a la lingüística comparativa.* Trad. Adelino Álvarez. Madrid, Gredos, 1978.
THESAVRVS LINGVÆ LATINÆ. Leipzig, Teubner, 1900.